



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*

Educação Física Escolar

Campus Duque de Caxias

HUGO DA CRUZ BATISTA VIZEU

**VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE DOS ALUNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA ONDE SE TRABALHA O JOGO**

Duque de Caxias - RJ
2018

Hugo da Cruz Batista Vizeu

Violência e agressividade dos alunos nas aulas de educação física onde se trabalha o jogo

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação
apresentado como parte dos requisitos necessários
para a obtenção do título de especialista em
Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gabriela Conceição de Souza

Duque de Caxias - RJ
2018

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e documentação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

V864 Vizeu, Hugo da Cruz Batista

Violência e agressividade dos alunos nas aulas de educação física onde se trabalha o jogo / Hugo da Cruz Batista Vizeu. – Duque de Caxias, RJ, 2018.

1 CD ROM.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Especialização em Educação Física Escolar, 2018.

Orientação: Gabriela Conceição de Souza.

1. Educação física – Violência nos esportes. 2. Educação física – Estudo e ensino.

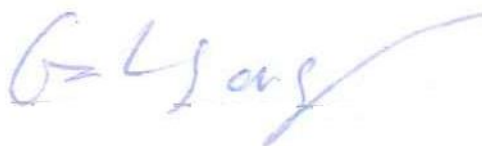
CDU796

Hugo da Cruz Batista Vizeu

**VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE DOS ALUNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA ONDE SE TRABALHA O JOGO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação
apresentado como parte dos requisitos necessários
para a obtenção do título de especialista em
Educação Física Escolar.

Data de aprovação: 06 de Julho de 2018.



Prof.^a Dr.^a Gabriela Conceição de Souza (orientadora)
IFRJ – Campus Pinheiral



Prof.^a Dr.^a Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares
IFRJ – Campus Duque de Caxias.



Prof.^a Ms. Cássia Marques Cândido
IFRJ - Campus Resende

Duque de Caxias - RJ
2018

VIZEU, Hugo da Cruz Batista. Violência e agressividade dos alunos nas aulas de educação física onde se trabalha o jogo. Programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *Campus Duque de Caxias*, Cidade, RJ, 2018.

RESUMO

Diante do clima de insatisfação pela falta de polidez e de socialização, que assola o nosso ambiente escolar de convívio e, principalmente, da violência dentro do ambiente escolar, diversas atitudes acabam desencadeando um comportamento agressivo que desfavorece o estudo e a aprendizagem. Cada vez mais vemos aumentar atitudes agressivas entre os alunos em suas turmas ou entre outras turmas, atingindo funcionários da escola e os diversos professores que atuam numa unidade escolar. Diante deste cenário este estudo tem o objetivo de compreender, como se estabelecem as relações de violência e agressividade nas aulas de educação física em uma turma de 5º ano do ensino fundamental. Pretendendo então, compreender como as aulas de educação física podem influenciar nas relações de violência e agressividade através dos jogos. Esta é uma pesquisa qualitativa, pois propõe analisar de forma descritiva os fenômenos que foram observados no cotidiano de uma escola, acompanhando 5 (cinco) aulas com duração de 50 minutos, através de um diário de campo numa escola pública municipal na zona norte do Rio de Janeiro. De acordo com a análise do conteúdo foram identificadas três categorias de violência e agressividade: as verbais, simbólicas e físicas. As agressões e ações desrespeitosas acabam induzindo os alunos a não participarem de alguns jogos durante as aulas de educação física, isso porque alguns alunos carregam para o jogo, as motivações de vencer a qualquer custo, nem que seja com o uso da força ou no “grito”. Sendo assim, percebemos a grande importância de se trabalhar o respeito e a cooperação, no sentido mais amplo, tendo o auxílio da estrutura e organização que o jogo e demais conteúdos que a educação física oferece, a fim de buscar caminhos para combater e minimizar correntes práticas nocivas à sociedade como um todo.

Palavras-chaves: Violência; Agressividade e Educação Física Escolar.

VIZEU, Hugo da Cruz Batista. Violência e agressividade dos alunos nas aulas de educação física onde se trabalha o jogo. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Duque de Caxias, Cidade, RJ, 2018.

ABSTRACT

Faced with a climate of dissatisfaction due to lack of politeness and socialization, which plagues our school environment and, especially, violence within the school environment, various attitudes end up triggering an aggressive behavior that undermines study and learning. Increasingly, we see increasing aggressive attitudes among students in their class or among other classes, reaching school staff and the various teachers working in a school unit. In view of this scenario, this study aims to understand how violence and aggression relations are established in physical education classes in a 5th grade elementary school class. Intending, then, to understand how physical education classes can influence the relationships of violence and aggression through games. This is a qualitative research, since it proposes to analyze in a descriptive way the phenomena that were observed in the daily life of a school, accompanying 5 (five) classes lasting 50 minutes, through a field diary in a municipal public school in the north zone of Rio of January. According to the content analysis, three categories of violence and aggressiveness were identified: verbal, symbolic and physical. The aggressions and disrespectful actions end up inducing the students not to participate in some games during the physical education classes, because some students carry to the game, the motivations to win at any cost, whether with the use of force or in the "shout". Thus, we perceive the great importance of working respect and cooperation, in the broadest sense, having the aid of the structure and organization that the game and other contents that physical education offers, in order to find ways to combat and minimize current practices to society as a whole.

Keywords: Violence; Aggression and Physical School Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
MÉTODO	10
RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
Violência e agressividade	12
O jogo	12
A primeira aula	13
A segunda aula	14
A terceira aula	15
A quarta aula	16
A quinta aula	18
Algumas considerações	19
CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS	25
ANEXOS	26

INTRODUÇÃO

Diante do clima de insatisfação pela falta de polidez e de socialização, que assola o nosso ambiente escolar de convívio e, principalmente, da violência dentro do ambiente escolar, diversas atitudes acabam desencadeando um comportamento agressivo que desfavorece o ambiente de estudo e a aprendizagem.

É perceptível no dia a dia das aulas de educação física, casos e atitudes agressivas entre os alunos em suas turmas ou entre outras turmas. Além disso, tendo consequências com funcionários da escola e até mesmo com os diversos professores que atuam numa unidade escolar.

Em busca do entendimento mais aprofundado no primeiro segmento do ensino fundamental, foram notadas tais inquietações geradoras de violência e agressividade durante as aulas, mais precisamente no final desse ciclo. Essa faixa etária que varia de 10 a 12 anos é uma fase de transição, pois as crianças estão deixando a infância para entrar na adolescência; transição distante às vezes para uns, mais próximas para outros. Fase que são capazes de refletir sobre si mesmos, de observar tanto suas próprias individualidades como a dos outros (Oxford, 1994).

Segundo Verderi (2002):

Interpretar e compreender as manifestações emocionais e corporais de nossos alunos como um ser participativo de uma sociedade, suas atitudes, relações interpessoais; um ser contextualizado, que transforma e é transformado pelo seu ambiente, faz parte de nossos princípios educacionais (p.40).

Para Oliveira (2009) é preciso enxergar o espaço escolar como um ambiente propício para a vivência de relações interpessoais. As questões ligadas à moral e à vida em grupo, devem ser tratadas como conteúdos de ensino, caso contrário, corre-se o risco de permitir que as crianças tornem-se adultos auto-centrados e indisciplinados em qualquer situação, incapazes de dialogar e cooperar, partindo sempre para agressão quando algo lhes desagrade.

Diante deste cenário este estudo tem o objetivo de compreender, como se estabelecem as relações de violência e agressividade nas aulas de educação física no ensino fundamental I (5º ano).

Além disso, pretende-se, também, compreender como as aulas de educação física podem desencadear relações de violência e agressividade através de jogos e esportes.

Diante da falta de atenção, inquietações e posturas agressivas por parte dos alunos, podemos observar o jogo como um grande auxiliador nesse processo contínuo dentro das

aulas de educação física, onde, de forma interdisciplinar, o tema violência na escola, poderá ser trabalhado com possibilidades de desenvolver pensamentos e ações transformadoras, proporcionando termos como igualdade e tolerância no convívio seja ele escolar ou não, adquirindo posturas sociáveis e agradáveis ao convívio humano.

Enquanto educadores, devemos criar estratégias de reflexão e sensibilização para se prevenir tais violências no contexto escolar, mediando possíveis conflitos, usando o diálogo como ferramenta imprescindível para possível conscientização quanto aos direitos e deveres que uma sociedade tem como alicerce.

MÉTODO

Este é um estudo de caso de abordagem qualitativa, pois propõe analisar de forma descritiva os fenômenos que foram observados no CIEP Adão Pereira Nunes em Irajá no município do Rio de Janeiro.

A realização da pesquisa foi autorizada pela Diretora Geral da Escola, através de um Termo de Autorização para Pesquisa de TCC, onde foi apresentado o objetivo, método, garantia de anonimato e riscos da pesquisa.

Para garantir o anonimato dos informantes, todos os nomes foram trocados por nomes aleatórios.

A Escola em que foi realizada a observação, em modelo de CIEP, com 33 anos de existência, com aproximadamente 527 alunos e possui os seguimentos de Educação Infantil e Fundamental I. Além disso, é uma escola aberta à comunidade, de maneira que durante 24 horas, nos sete dias da semana, a comunidade pode usufruir de suas instalações. O entorno da referida escola recebe constantemente intervenção policial de maneira que as aulas, em determinadas situações, ficam suspensas por decisão da direção da escola.

Foi utilizado um diário de campo para registro de 5 (cinco) aulas com duração de 50 minutos. A turma, objeto de estudo, é formada por 36 alunos, sendo 18 meninos e 18 meninas, e possuem três aulas de educação física por semana.

As turmas, além de divididas por seguimento e ano, também são separadas por níveis de desenvolvimento. Desta forma, desde a Educação Infantil os alunos são direcionados a turmas com perfil homogêneo nas perspectivas: sociais, afetivas e cognitivas. Nesta pesquisa será observada uma turma que possui alunos repetentes ou fora da faixa etária esperada para o seguimento e por ser considerada turma de nível fraco, apresentando maiores problemas comportamentais do que a outra turma de 5º ano da mesma escola.

Durante a observação das aulas foi possível conversar com o professor regente das turmas observadas e complementar com as análises que foram realizadas posteriormente.

Foi utilizada a análise do conteúdo (BARDIN, 2011) como forma de se analisar as categorias que emergiram a partir das observações, registradas no diário de campo. Neste sentido, a análise de conteúdo pode ser considerada um método que tem como objetivo a discutir relações entre o objeto e os aspectos subjetivos no entorno do mesmo, possibilitando um diálogo do pesquisador, do objeto e da literatura.

Após a transcrição dos diários de campo nos debruçamos sobre a literatura levantada acerca das categorias que emergiram *a posteriori*. A fonte de consulta utilizada foram os sítios eletrônicos de finalidade acadêmica.

Com as análises, estabelecemos as seguintes categorias: violência física na forma de agressão pessoal, a violência simbólica na forma de empoderamento (vindo a ter exclusões e segregação) e a violência verbal (na forma de xingamentos e ameaças).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, será apresentada uma contextualização das conceituações das principais variáveis envolvidas neste estudo: violência, agressividade e o jogo. Em seguida, o relato das cinco aulas observadas e uma análise debruçando-me sobre a literatura acerca das temáticas citadas. Desta forma, o material pesquisado possibilitou dialogar com os achados.

Violência e agressividade

Apropriei-me da discussão levantada por Prodócimo et al. (2013) sobre o que vem a ser agressividade e violência. Os autores sugerem diferença entre agressivo e violento, onde acabam sendo confundidas no senso comum. Por um lado a violência é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos, por outro a agressividade pode ter seu lado produtivo, como exemplificado pelos autores:

Não é difícil compreendermos isto quando relacionamos o instinto agressivo ao impulso para a ação. No esporte, por exemplo, a expressão “jogador agressivo” é usada com frequência para designar aquele que joga com garra, determinação, que não desiste, que se empenha nas situações de jogo. Palavras como gana, garra, raça são comumente ligadas à agressividade no contexto esportivo e podem expressar a presença de fronteiras que demarcam ou diferenciam a agressividade e a violência (p. 205)

O jogo

Quando lidamos com o conceito de jogo, sobretudo quando relacionados a área da educação física, somos obrigados a nos reportar a Johan Huizinga, na tentativa de discutir o que é o jogo na formação do cidadão. Neste sentido, é preciso uma contextualização histórica, cultural e social para compreendermos os objetivos “daquele” jogo no contexto em que pretendemos investigar. Para Huizinga (1996):

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da "vida cotidiana" (Huizinga, 1996, p. 33).

Diante desta tentativa de compreender como se desencadeia as relações de violência e agressividade em alunos nas aulas de educação física, retrato a seguir as aulas observadas e como a literatura contribui para a compreensão dessas intervenções.

A primeira aula

Dia: 05 de Abril de 2018. Horário: 10h40min às 11h30min (4º tempo). Local: Quadra esportiva. Proposta da aula: Jogo de Futsal – passes e condução de bola. O professor fez o deslocamento da turma, da sala de aula até a quadra.

Durante a primeira aula estava transcorrendo bem, com diversos alunos executando a aula, dentro da proposta de um jogo de passes e condução de bola no futsal, pré-determinada pelo professor João, quando num dado momento o aluno Luiz (que esse encontra acima da idade escolar para uma turma de 5º ano) apresentou uma conduta agressiva com o aluno José, dando-lhe uma “banda” (rasteira com os pés). De imediato o professor realizou uma mediação chamando ambos para conversar e saber o motivo de tal situação.

Primeiramente o professor tratou logo de acudir o aluno, que na queda, acabou machucando o braço vindo a sangrar. Num segundo momento, se iniciou uma longa conversa para tentar buscar entendimento, ou seja, saber o porquê de tamanha irritabilidade de um para com o outro. O professor chegou a conclusão de que o aluno Luiz havia, no decorrer da atividade, importunado o aluno José, o chamando de “fraco” (menos habilidoso). Nada que justificasse tal agressão, tendo em vista que o professor estava orientando e acompanhando tais atividades.

Por fim o professor conseguiu minimizar esse conflito, comunicando à professora regente da turma e à coordenação. Fazendo também com que os dois alunos envolvidos, conversassem e chegassem a um entendimento, aonde com atitudes agressivas, não chegariam a lugar algum. Os dois se reconciliaram, mas não voltaram a realizar novamente a aula de educação física, para conversar com a direção da escola.

A quadra estava sendo fracionada, ou seja, usada por dois professores com turmas distintas. Cada turma usando metade da quadra. Essa metade da quadra utilizada pela referida turma de 5º ano, que estavam realizando as atividades, ficou da seguinte forma: as meninas usavam $\frac{1}{4}$ da quadra e os meninos o outro $\frac{1}{4}$. As meninas queriam praticar junto com os meninos, que recusaram mesmo com a intervenção do professor, aonde chegaram num bom senso e decidiram, posteriormente, jogar meninas com meninas e os meninos com meninos.

Nessa aula foi constatado que existe certo empoderamento, onde um determinado grupo persiste em determinar como e quem irá participar de um jogo. Salvini, et al. (2012) diz nos seus estudos que nesses casos estão evidenciados os elementos ocultos de dominação, onde acaba sendo demonstrada nessa violência simbólica.

Nessa mesma aula também aparece uma violência física, onde um aluno agride o outro. Sposito (2001) nos mostra que também existe um tipo de violência contemporânea, onde devido inúmeros casos de violência nos arredores escolares e residenciais, tudo se resume em agressão como consequência.

A segunda aula

Dia: 18 de Abril de 2018. Horário: 09h00min às 09h50min (2º tempo). Local: Quadra esportiva. Proposta da aula: Atividades e jogos cooperativos. O professor fez o deslocamento da turma, da sala de aula até a quadra.

Durante a aula prática proposta pelo professor João, iniciou-se um pequeno empurra-empurra entre as alunas Maria e Júlia, que após inúmeros pedidos do professor para que parassem e se concentrassem na atividade em execução pela turma, foi sendo ignorado por ambas, onde persistiam em manter tais ações agressivas.

Sendo que, num dado momento começou a se agredir fisicamente e a se agredir verbalmente, sendo em tempo evitado por algumas colegas de turma, uma maior agressão corporal. O professor de imediato iniciou uma mediação para tal conflito, onde externou para as duas que desta forma ficariam sem participar da aula e até mesmo de irem parar na direção. Como acabou criando, entre a turma na quadra, um clima de gritaria de “pega ela – pega ela”, o professor retirou-as da aula para iniciar uma conversa e tentar saber o que motivou tais atitudes.

Após longa conversa e com um clima pouco amistoso entre as alunas envolvidas, o professor junto com elas, tomou conhecimento de que cada aluna tenta montar seu “grupinho” e manter uma liderança para possíveis confrontos agressivos, tanto na quadra como em sala de aula, inclusive em outros espaços dentro e fora do ambiente escolar.

Ao conversar com a professora regente da turma, o professor percebeu uma possível e necessária troca de turma para uma das alunas. Para se evitar possíveis agressões físicas e/ou verbais, numa maior ou pior proporção. Até uma possível reaproximação delas, para que

consigam entender a importância de se respeitar o próximo, dentro e fora das aulas de educação física.

Foi notado também pelo professor, após conversas com a direção e coordenação, que se trata de atitudes de poder onde cada aluna quer montar seus grupos e tentam impor o que querem dentro da escola. Isso se reflete nas aulas com os demais professores, durante o almoço no refeitório, na hora da entrada ou na saída no término do turno. Chegando a ter informações oficiosas de que tentavam marcar encontros fora da escola (na comunidade) para tirar a limpo todo e qualquer problema que ocorria na rotina escolar, que não agradasse tais grupos.

Foi percebido que existem ações de liderança entre discentes do sexo feminino, onde se destacou também uma violência física, simbólica e verbal. Além de Salvini, et al., Sposito (2001) diz que esses atos são caracterizados por incivilidade, onde são demonstrado nas agressões verbais, na falta de polidez, nas ameaças e nas frequentes irrupções de desordem nos estabelecimentos escolares.

A terceira aula

Dia: 24 de Abril de 2018. Horário: 08h10min às 09h00min (1º tempo). Local: Quadra esportiva. Proposta da aula: Atividades rítmicas e expressivas. O professor fez o deslocamento da turma, da sala de aula até a quadra.

Antes do início da aula prática, houve um problema onde o aluno Júnior não queria participar da aula e tampouco descer para a quadra. O professor João foi tentar identificar tal situação, quando a responsável do Júnior apareceu e quis falar com o professor de educação física e com a professora regente de turma. Onde após intensa conversa, contataram que outros dois alunos (Mauro e Carlos) estavam o ameaçando e dizendo que iriam agredi-lo fisicamente, sem motivos aparentes, caso ele ficasse perto deles.

A responsável acabou indo embora, solicitando providências no sentido de se ter atenção com os outros alunos. Em seguida o professor conversou novamente, de forma individual e percebeu que os dois alunos disseram que iriam agredi-lo, simplesmente porque quase sempre o Júnior fica atrapalhando as brincadeiras/jogos que fazem antes do início das aulas, ou seja, fora da rotina escolar (antes ou depois das aulas). O professor reafirmou que mesmo assim, não há motivos para que apresentem tais atitudes de possíveis agressões físicas ao referido aluno.

Por fim o professor levou ambos os alunos para a aula na quadra, que por fim participaram. Tendo o Júnior, uma atitude mais amistosa ao interagir com os outros, dando indícios de desconfiança. O professor salientou que os alunos Mauro e Carlos, em algumas circunstâncias, apresentam postura de liderança, querendo impor algumas regras aos demais, com tons agressivos, para assim alcançar seus interesses, quase sempre próprios.

Sendo também observado, pelo professor, além de buscarem uma liderança, de quererem excluir alguns alunos das atividades. Na maioria das vezes, de forma a intimidá-los. Mesmo com intervenções do professor, o aluno, que por ventura se torna “excluído”, não se interessa em participar das atividades, devido certas ameaças e possíveis agressões.

Eles acabam buscando sempre usar a melhor bola e os melhores materiais, sem permitir qualquer negociação. Querem jogar na melhor parte da quadra, por ter o sentimento de pertencer à turma mais antiga da escola e poder ter direito a tudo. Constantemente são irredutíveis, ou seja, o professor diz ter grande dificuldade em negociar com eles, pois caso não seja como querem, acabam se fechando e ainda atrapalhando os demais alunos na realização das mais variadas práticas.

Nessa aula foi notado que ações de dentro e de fora do espaço escolar, contribuem para algum tipo de problema durante as aulas, onde alguns alunos demonstram poder pra tomar certas decisões. Essa violência simbólica tendo a exclusão e a segregação de certos alunos, Sposito (2001) nos fala sobre essas práticas escolares inadequadas, dentro de uma forma de agressão interpessoal. Onde esses alunos impõem certa intimidação para que outros não participem de algum jogo ou atividade, para que demonstrem certa autoridade.

A quarta aula

Dia: 08 de Maio de 2018. Horário: 08h10min às 09h00min (1º tempo). Local: Quadra esportiva. Proposta da aula: Exercícios educativos e pequenos jogos de handebol e basquete. O professor fez o deslocamento da turma, da sala de aula até a quadra.

Num dado momento da aula prática na quadra, após explicação prévia do professor João para suas execuções de forma segura e viável, onde transcorria plenamente e toda turma participava e interagia, o aluno Claudio começou a querer competir com determinados colegas de turma, dizendo que era “melhor” que os que ali estavam praticando. Alguns colegas ainda diziam que não havia nenhuma competição, reafirmando a proposta do professor que tinha orientado a todos que realizassem à sua melhor maneira para que não se machucassem (pois

nesse momento estavam conduzindo uma bola de basquete, em fileiras, num objetivo e espaço pré-determinados).

Como o referido aluno ainda insistia em competir e o professor havia dito que chegaria o momento de uma possível competição, mas que ainda não era possível, ele começou a “xingar” alguns colegas e inclusive o professor, que acabou chamando sua atenção e informou que se continuasse ou insistisse em condutas de mau comportamento ou de falta de respeito com alunos e/ou professores, o levaria à direção e chamaria seus responsáveis na escola. Como se não bastasse tais condutas incondizentes do aluno, no ambiente escolar, começou a quebrar e danificar alguns materiais utilizados durante a aula de educação física, como bambolês e cones.

Diante desses acontecimentos, o professor interrompeu a aula para juntamente com outros alunos, levá-lo à direção para que fossem adotadas as medidas pedagógicas nesse caso.

O professor junto à direção da escola constatou que o aluno sofre algumas agressões por familiares, tanto que é agredido pela responsável, todas as vezes que é chamada na escola. Percebe-se que ele não tem rotina em respeitar regras, por não entender os limites das coisas. Está quase sempre fora das atividades extraclasse, porque não respeita locais públicos e etc. Esse aluno participava de um projeto de luta, dentro da comunidade que mora, onde não pode continuar, por não entender que havia regras e respeito entre os demais praticantes.

Quando participa das aulas, tem de ficar sob o olhar constante do professor, para que não trate mal e nem agrida algum colega de turma.

No contexto dessa aula analisada, pode-se observar que o objetivo era simplesmente a busca da interação. Sendo que certo aluno, se mostra totalmente fora de um viés sociável. Prodócimo et al. (2013) além de fazer uma comparação entre ser agressivo e violento, nos fala que essa postura de agressividade instintiva, está passiva de ser convertida em violência. Sendo iniciada com xingamentos a seus próximos (professores e alunos) e podendo chegar a agressões físicas. Silva (2015) confirma essas violências a professores, apontando medidas a serem adotadas quando docentes sofrem tal violência (seja ela física ou verbal).

Prodócimo et al. (2013) também destacam a Tríade de instituições com grandes tarefas civilizatórias: escola – família – universidade. Para os autores, há um papel fundamental entre a formação do profissional que irá atuar na escola e a relação que esta escola estabelece com a família. Quando uma das três variáveis é rompida, há um comprometimento na estrutura do indivíduo, sendo um forte indicador de desordem e conflito.

Desta forma, na aula observada, encontramos o fortalecimento do papel do professor (universidade), da escola (aula de educação física e coordenação pedagógica) e o rompimento do elo com a família.

A quinta aula

Dia: 09 de Maio de 2018. Horário: 09h00min às 09h50min (2º tempo). Local: Quadra esportiva. Proposta da aula: Circuito e jogos lúdicos variados. O professor fez o deslocamento da turma, da sala de aula até a quadra.

A turma estava realizando o circuito montado pelo professor João na quadra, que havia sido dividida em pequenos grupos e espalhado nas diversas estações. Quando num certo momento, após ser cronometrado o tempo de permanência, o professor sinalizava a troca das estações.

Sendo que ao realizar a divisão dos grupos de forma aleatória, foi percebido por ele, que as meninas criaram alguns “grupinhos” e por isso foi iniciado uma pequena confusão. A aula continuou, quando um desses “grupinhos” começou a afrontar o outro e o professor precisou iniciar uma mediação para tal conflito, para então sanar qualquer tipo de problema, por menor que fosse.

Após algumas conversas, sem sucesso ou êxito, começou alguns “xingamentos” e ameaças de que “fulana” iria bater em “beltrana” que iria arrancar os cabelos de “sicrana” e etc. Nesse instante o professor parou a aula e chamou todas as meninas para que sentassem na arquibancada da quadra e chegassem a algum motivo claro, para a falta de respeito umas para com as outras.

Várias situações foram detectadas, duas de forma a chamar a atenção do professor, que foi a informação de que duas meninas que vieram de outra escola, inclusive com idade acima das demais, carregavam uma ideia de querer “mandar” nas colegas que compunham seus “grupinhos” com ordens de realizar intrigas e até mesmo de cometerem agressões. E a outra é a de que trazem algumas indiferenças de fatos fora da escola (da rua, da comunidade) onde acabam criando desavenças dentro da rotina escolar e de modo especial, nas aulas de educação física.

Ficou registrado pelo professor que já existiam grupos na turma antes da chegada dessas alunas, oriundas de escolas com históricos negativos, onde acabou ocasionando um aumento nessa rivalidade de lideranças. Mesmo com diversas ações pedagógicas e

mediadoras, o professor destacou também essa problemática delas participarem com intuito de competirem para possíveis desavenças, ao invés de participar e realizar a aula propriamente dita. Ainda assim, diante de posturas hostis, tem conseguido evitar agressões físicas, mas os “xingamentos” ainda são rotineiros.

Essa aula teve considerações a ser observadas parecidas com a aula 2, onde algumas alunas tentam impor poder durante o desenvolvimento da aula, apresentando características de agressões interpessoais dentro da categoria de violência simbólica e verbal.

Prodócimo et al. (2010) em sua pesquisa fala sobre essa violência entre as meninas onde elas acabam agindo de forma mais indireta, cometendo humilhações e exclusões e Sposito (2001) confirmando essas formas de agressões interpessoais, na qual acabam criando problemas de relacionamentos e segregando algumas colegas de turma, dificultando assim um ambiente agradável e harmonioso.

Algumas considerações

Podemos observar através do cotidiano escolar que, atualmente, nossos alunos chegam às escolas carregadas de situações violentas e agressivas, compreendidas por realidades sociais, locais, familiar, etc. Onde acabam refletindo no universo escolar, ações e posturas totalmente incondizentes com o espaço de (a) construção do (e) conhecimento.

As agressões e ações desrespeitosas podem contribuir com o afastamento nas aulas de educação física, isso porque alguns alunos carregam para o jogo, as motivações de vencer a qualquer custo, nem que seja na força ou no grito. Sendo assim, percebe-se a grande importância de se trabalhar o respeito e a cooperação, no sentido mais amplo, tendo o auxílio da estrutura e organização que o jogo, as práticas corporais e os conteúdos de educação física necessitam, a fim de se buscar caminhos para combater e minimizar correntes práticas nocivas à sociedade como um todo.

A violência da própria sociedade e do local que vivem, o uso inconsciente e/ou irresponsável das tecnologias, entre outros fatores, pode influenciar no aspecto comportamental dos alunos, que acabam trazendo toda essa problemática (Violência Escolar) para dentro da escola. Fazendo com que o ambiente escolar, mais especificamente, as aulas de educação física, sejam dificultadas e carentes de boas convivências e de rotinas prazerosas.

As aulas de educação física podem apresentar e representar um ganho enorme para o favorecimento em adaptação ao 2º segmento, onde o aluno sai de uma realidade de uma

professora regente de turma que ensina as disciplinas básicas e alguns outros professores de disciplinas afins (como Artes, Ensino Religioso, Educação Física e Inglês) e vai para um universo onde existem vários professores em várias disciplinas distintas. Com isso, esses alunos poderão estar mais organizados e sensibilizados para novas realidades, sendo então preparados para a vida em sociedade.

Como cita a Doutora Ana Beatriz Barbosa Silva em seu livro *Bullying Mentas Perigosas nas Escolas*, trazendo à reflexão bens preciosos que a sociedade vem perdendo ao longo dos anos.

Nessa luta épica, cujo cenário principal é a escola e cujos atores principais são os profissionais de educação, estão em jogo os bens mais preciosos da humanidade: a solidariedade, o respeito às diferenças, a tolerância, a cooperação, a justiça, a dignidade, a honestidade, a amizade e o amor ao próximo (SILVA, 2013, p. 196).

Qualquer aluno pode passar ou ser alvo de algum tipo de violência escolar, por diversos motivos. De forma geral, essas agressões não seguem um motivo específico ou justificável. Aparenta, na sua maioria, uma dificuldade de comportamento (aspecto comportamental) onde mostram suas dificuldades em cumprir e/ou respeitar as regras. Causando traumas e/ou sofrimento, naquele dito “mais fraco” ou naquele “bobo” que cumpre as normas e não segue nenhum tipo de esperteza ou malandragem para demonstrar superioridade ou hegemonia, antes ou durante a prática de um determinado jogo.

Há que se considerar as características que o jogo (de cunho cooperativo) proporciona e agrega ao seu desenvolvimento integral, experimentando diversas vivências que acontecem durante sua prática, desenvolvendo senso crítico em busca de autonomia e adquirindo atitudes interpessoais para o relacionamento entre todos os envolvidos. Essas são as inúmeras possibilidades que o jogo favorece e proporciona, para além da quadra e dos muros escolares. Pode ser trabalhada em favor da elevação da autoestima, se tornando uma ferramenta de suma importância para se evitar situações agressivas que possam levar a consequências críticas, como o afastamento de alguns alunos das rotinas escolares (em suas diversas práticas) e até mesmo a evasão escolar.

O que nos chama a atenção nas produções acadêmicas nos últimos 10-12 anos, é que em se tratar de um tema urgente e emergente, poucos estudos foram publicados, vindo a apresentar uma baixa produção acerca do tema.

No meio escolar que nos interessa, sendo o local da pesquisa, temos um olhar mais específico na categoria “prática pedagógica”, onde professor e aluno estarão sempre

envolvidos nesse processo de relação contra a violência e agressividade. Onde tais questões pedagógicas em suas diversas intervenções, juntamente com a família, poderão contribuir e/ou favorecer nesse aspecto sócio-afetivo, em prol de um ambiente agradável para o desenvolvimento integral do aluno? Onde podemos intervir ou prevenir nessas ações violentas, nesse contexto escolar? Quando e em qual momento?

Observamos que se faz necessário atentar para as mais diversas manifestações dos alunos, em se tratando de violência e agressividade, pois são as mais notórias. Sendo que para se diminuir tal estigma de que o aluno “tal” é muito violento, se reforça nele mesmo essa ideia. Então se começa a ter outro olhar, quando se desfoca o alvo dele ser puramente violento, mediando esses possíveis conflitos, possibilitando a ele, uma forma de valorização pessoal minimizando esse ou aquele cenário violento. Candreva et al. (2009) nos diz que: “[...] a valorização de atitudes positivas, um trabalho em conjunto com toda a equipe escolar e um trato não só com as crianças agressivas, mas também com as empáticas se contrapondo a uma educação coercitiva podendo assim intervir no problema.” (p. 9).

As causas desses atos de violência e agressividade são as mais variadas, inclusive dependendo da proposta da aula, podem desencadear e enfatizar pura competição através de uma vitória a qualquer preço e as rivalidades entre inúmeras possibilidades, sendo assim afloradas nas aulas. Starepravo e Mezzadri (2003, p.62) apontam para a seguinte consideração:

“[...] no convívio social, o monopólio da violência física por parte do Estado, aliado aos padrões sociais vigentes, levam os indivíduos a ter um baixo limiar de aceitação quanto aos atos de violência, assim conduz as crianças a um maior autocontrole, de forma racional. A prática esportiva, por outro lado, permite certos atos de maior violência, bem como constituem uma válvula de escape das tensões do dia a dia.

Mostrando-nos assim que devido a diversos motivos extraclasse (fora dos muros da escola) acabam também sendo os motivadores de atos violentos.

A violência e a agressividade na escola é um problema social complexo e de responsabilidade de todos nós, onde a escola se coloca num papel fundamental para que se possam combater tais fatos violentos e agressivos, com ações efetivas num processo contínuo. Silva (2015, p.182) diz que:

“[...] a maioria absoluta não está preparada para identificar e enfrentar a violência entre seus alunos, ou entre os alunos e o corpo docente. Essa situação se deve em parte ao desconhecimento, mas, sobretudo, à omissão, ao comodismo e a uma dose considerável de negação da existência do fenômeno.”

De algum modo pode-se criar uma estratégia de se interferir em alguns casos, na prática do enfrentamento do problema, num exercício chamado de “Se eu fosse você”. Ele obriga, instintivamente, ou de forma intuitiva, que cada colega se coloque no lugar do outro, o que abre espaço para a vivência individual e coletiva de respeito, tolerância, empatia e solidariedade, como contribui Silva (2015).

Diante de diversas e inúmeras contribuições e intervenções pedagógicas, realizadas por nós educadores, qual o legado que podemos deixar aos nossos alunos?

Devemos pensar e refletir no que diz Silva (2015, p.196) “[...] educar crianças e adolescentes para uma vida de cidadania plena, em que direitos e deveres que hoje só existem no papel sejam de fato exercidos e respeitados no dia a dia”.

O que podemos fazer para se buscar uma sociedade mais equilibrada?

Como pai e educador, vejo que vivemos em tempos extremamente difíceis, onde o crescimento da violência é notório, a dificuldade financeira só aumenta, enfim, momentos complicados que acabam interferindo na educação dos nossos jovens.

Silva (2015) ratifica tais pensamentos quando diz: Não há como negar que vivemos tempos difíceis, em que a violência e a agressividade infanto-juvenil são crescentes e ameaçam a todos nós.

Tais interferências por nós educadores, de modo especial e pessoal, professores de educação física, que trabalhamos o jogo como ferramenta de inclusão e principalmente de cooperação, devemos iniciar lá nos anos iniciais (1º segmento) ações pedagógicas para quem sabe, banir essas agressividades. Até porque a violência está presente na vida dessas crianças, desde muito cedo. Sendo assim, faz-se necessário e importante ter esse olhar ao longo de um processo de escolarização, preconizando tais ações esportivas e educacionais, para que elas possam difundir e propagar esses ideais de convívio humanizado.

É possível, sim, vislumbrar um mundo melhor no futuro, repleto de gentilezas e de satisfações nas relações humanas. E isso pode começar a qualquer momento colocando abaixo os muros da ignorância, da estupidez, da falta de escrúpulos, que nos sufocam em nosso lar, em nossa escola, em todos os segmentos sociais, de acordo com Silva (2015).

CONCLUSÃO

Após análises das informações coletadas, pôde-se perceber que em todas as aulas acompanhadas, foi detectada alguma forma de violência ou ato agressivo por parte do alunado. Entretanto, algumas situações de violência e agressividade surgiram dentro do próprio jogo, e o professor teve a oportunidade de intervir e apaziguar de forma momentânea as ações e relações de violência e agressividade.

Percebi nos estudos aqui investigados e nos achados das aulas observadas, que diversos fatores (sociais, econômicos, familiar, etc.) influenciam direta ou indiretamente nas atitudes desses alunos ao participar de um jogo. Em suas falas, ao explicar sua ação agressiva ao professor regente, demonstram que transferem problemas de fora da escola, para sua vida acadêmica.

Diante do contexto investigado, percebi que a falta de diálogo, dificulta certo envolvimento desses alunos no aspecto de socialização e de aceitação entre seus pares. Considerando que vivemos numa sociedade competitiva, onde há disputa por cargos, salários e empregos podem perceber que o jogo é uma estratégia que nos permite um favorecimento em todos os aspectos sociais, de cooperação, de respeito e de companheirismo. Porém, além dos dados aqui coletados, observei que diante das dificuldades do professor em mediar tais situações, percebi significância no diálogo entre professor e aluno, no sentido de se mostrar a importância de se respeitarem e, que para se praticar um jogo, faz-se necessário um mínimo de senso de organização, de respeito às regras e ao outro, entendendo o outro não como inimigo, mas como adversário.

Diante das análises realizadas neste estudo, concluo, trazendo provocações, no sentido de repensar nossas práticas, nos apropriando de novos conhecimentos. E o que precisamos fazer para nos adaptar às novas tendências da sociedade atual, diante de tanta violência? Será que estamos preparados para lidar com tais alunos e ações violentas e agressivas nas aulas de educação física? A universidade está preparando novos profissionais para lidar com essas situações dentro do âmbito escolar? Mesmo após nossas intervenções diante dessa realidade, nossos alunos estarão prontos para enfrentar novos desafios?

As sugestões de novos estudos se encaminham no sentido de investigar em longo prazo como o jogo intervém nas relações de violência e agressividade, tendo em vista que durante 5 (cinco) aulas observadas não foi possível afirmar que o jogo está diretamente relacionado a diminuição de violência e agressividade, sobretudo quando um contexto está

impregnado de influências sociais, culturais e econômicas, mas uma grande importância, na intervenção ativa do profissional de educação física efetivamente capacitado.

Encerramos esta pesquisa, com a intenção de poder contribuir e dar continuidade aos estudos, nessa temática, pouco publicada nos últimos anos, onde nos múltiplos contextos da prática da educação física, possa ter sentido, significado e referência nas práticas docentes.

REFERÊNCIAS

- CANDREVA, T.; CASSIANE, V.; RUY, M. P.; THOMAZINI, L.; CESTARI, H. F.; HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 4. Ed, São Paulo: Perspectiva, 1996.
- OLIVEIRA, Áurea Maria. O que é indisciplina? **Nova Escola**. São Paulo, Ano XXIV, nº226, 79-89, out. 2009.
- OXFORD, E. **Compreendendo seu filho de 11 anos**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- PRODÓCIMO, E. A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção. **Pensar a prática**, Goiânia, v.12, n1, p.1-11, jan./abr., 2009.
- PRODÓCIMO, E.; FARENZENA, R.C.; COSTA, R.R.; SILVA, R.G.C.; MATTOSINHO, P.V. Adolescentes brasileiros e a violência entre pares na escola: o fenômeno visto de dentro para fora. **Revista Interações**, Portugal, v.25, p. 202-225, 2013.
- PRODÓCIMO, E.; SILVA, R.G.C.; MIGUEL, R.S.; RECCO, K.V. Meninas também agredem? Estudo sobre agressão entre escolares. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v.15, n.1, p.59-78, mar./ago., 2010.
- Produções Acadêmicas sobre Violência, Agressão e Agressividade em periódicos Brasileiros de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.17, n.3, p.682-700, jul./set. 2014.
- SALVINI, L.; SOUZA, J; MARCHI JUNIOR, W. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.26, n.3, p.401-410, jul./set., 2012.
- SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying**: Mentis Perigosas nas Escolas. São Paulo: 2ª edição: Principium - Globo, 2015.
- SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, v.27, n.1, p.87-103, jan./jun., 2001.
- STAREPRAVO, F.A.; MEZZANI, F.M. Esporte, relações sociais e violências. **Motriz**, Rio Claro, v.9, n.1, p.59-63, jan./abr., 2003.
- VERDERI, Érica Beatriz Lemes Pimentel. **Encantando a Educação Física**. Rio de Janeiro: 2ª edição: Sprint, 2002.

ANEXOS

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA DE TCC

Eu Hugo da Cruz Batista Vizeu, venho solicitar autorização junto a essa direção para a realização de pesquisa relacionada ao TCC intitulado “**Violência e agressividade dos alunos nas aulas de educação física onde se trabalha o jogo**”.

O objetivo do estudo é de identificar e analisar como se estabelecem as relações de violência e agressividade nas aulas de Educação Física Escolar, numa escola pública na zona norte do Rio de Janeiro com alunos do 5º ano do ensino fundamental 1.

A autorização consiste na observação de 5 (cinco) aulas de Educação Física, que será descrita através de um diário de campo, numa turma de 5º ano desta Unidade de Ensino.

Seu nome ou qualquer outra informação que o identifique não serão revelados, apenas os pesquisadores terão estas informações.

Esta pesquisa oferece riscos mínimos, tais como caminhar na rua, e você não será remunerado ou terá qualquer vínculo de emprego durante o desenvolvimento da pesquisa, assim como não terá gastos para a mesma.

Esta autorização é voluntária e a qualquer momento poderá se retirar e deixar de participar da pesquisa sem qualquer tipo de prejuízo.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição para esclarecimentos.

Atenciosamente,

Hugo da Cruz Batista Vizeu.

Esta autorização terá duas cópias, onde uma ficará com o pesquisador e outra com o(a) informante. Caso tenha dúvidas os meios de contato são: Celular (21) 96495-8198 e e-mail (vizeubrptrj@gmail.com). O endereço para contato do IFRJ é Av. República do Paraguai, 120 - Vila Sarapuú, Duque de Caxias - RJ, 25050-100.

Eu, _____, CPF: _____,
R.G: _____, celular: _____, e-mail: _____ fui devidamente informado (a) sobre os objetivos e procedimentos a serem realizados, permitindo assim tal pesquisa.

Data: ____/____/____ Assinatura (informante): _____

Data: ____/____/____ Assinatura (pesquisador): _____